



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO I
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RAIMUNDO ALMEIDA VELOSO

BULLYING: VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Salvador

2013

RAIMUNDO ALMEIDA VELOSO

BULLYING: VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Selma Cristina Silva de Jesus

Salvador

2013

TERMO DE APROVAÇÃO

RAIMUNDO ALMEIDA VELOSO

BULLYING: VIOLÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal da Bahia, pela seguinte banca examinadora:

Profª Drª Selma Cristina Souza de Jesus (Orientadora – FACED/UFBA)

Profª Mª Andréa Reis de Jesus (FACED/UFBA)

Profª Mª Rubenilda Sodré dos Santos (UFBA)

Salvador,

2013

Dedico este trabalho à memória de minha mãe, Silvandira de Almeida, que foi a maior responsável pelas minhas realizações. Ao meu pai, Raymundo Veloso, que sempre me orientou buscando o melhor para mim. À minha irmã, Liliã Almeida Veloso que sempre me apoiou e me deu forças para continuar esse árduo processo. E a todos que direta ou indiretamente contribuíram para minha formação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que de alguma forma tiveram uma contribuição nesta monografia.

À minha orientadora e amiga, Prof^a Dr^a Selma Cristina Silva de Jesus, pela sua dedicação, tranquilidade, cooperação e compreensão de extrema importância.

À ex-coordenadora do colegiado de Pedagogia, professora Maria Couto, pelo apoio e incentivo, aos professores, funcionários e colegas desta Universidade, pela colaboração e disponibilidade em compartilhar ideias e me apoiarem na construção desta produção.

A todos os meus amigos e colegas, pelo apoio, compreensão, descontração, carinho e amizade.

À minha família, que sempre esteve comigo me apoiando em todas as horas.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a concretização deste momento.

" Acreditamos que a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressiva, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver a nossa opção. Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que dizemos e o que fazemos"

Paulo Freire

RESUMO

Esta produção acadêmica possui como objetivo proporcionar uma reflexão crítica sobre um tipo de violência que está em evidência no âmbito escolar, o bullying. As pesquisas buscam traçar o perfil dos agressores e vítimas do bullying, identificando as principais causas das agressões e a postura adotada pelos espectadores frente ao fenômeno. O trabalho aborda alternativas para combater o fenômeno e seus agentes, além de práticas e intervenções nas situações de bullying como uma inovação do projeto e prevenção do bullying. Desta forma, a presente produção, visa, através da análise do tema, compreender as funções dos agentes escolares e as possíveis soluções adotadas pela instituição escolar. A metodologia utilizada para a elaboração desta produção deu-se através de pesquisa bibliográfica sobre o tema em obras literárias de especialistas no assunto e artigos acadêmicos publicados. Os resultados da produção revelaram que são necessários projetos de conscientização e integração entre alunos, professores, pais e sociedade, para que a escola possa trabalhar em harmonia e assim reduzir a incidência dos casos de bullying.

Palavras-chave: Violência – Bullying – Instituição Escolar

ABSTRACT

This academic research has aimed to provide a critical reflection on a type of violence that is in evidence in schools, bullying. The surveys seek to trace the profile of perpetrators and victims of bullying, identifying the main causes of aggression and attitude adopted by viewers opposite phenomenon. The paper discusses alternatives to combat the phenomenon and its agents, and practices and interventions in bullying situations as an innovation project and bullying prevention. This way, this production aims, through the analysis of the topic, understand the functions of school agents and potential solutions adopted by the school. The methodology used for the elaboration of this production occurred through a literature review on the topic in literary subject matter experts and published scholarly articles. The results revealed that production projects are needed of consciousness and integration between students, teachers, parents and society, so that the school can work in harmony and so reduce the incidence of bullying.

Keywords: Violence - Bullying - School Institution

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1: A VIOLÊNCIA REFLETIDA NO AMBIENTE ESCOLAR	12
1.1 Tipologias de violência nas sociedades contemporâneas	14
1.2 Violência nas escolas	16
CAPÍTULO 2: O QUE É O BULLYING?	20
CAPÍTULO 3: PERFIL DOS ENVOLVIDOS	27
3.1 Vítimas ou alvos de bullying	27
3.2 Agressores ou Bullies	30
3.3 Testemunhas	32
CAPÍTULO 4: ENFRENTANDO O FENÔMENO	33
CAPÍTULO 5: CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS	40

Introdução

Recentemente está ocorrendo vários casos que são atribuídos a um novo tipo de violência, o bullying. Estes acontecimentos, em geral, ocorrem com crianças e jovens que, por algum motivo, não possuem esperança de adaptar-se ou ser aceito pelos seus colegas. Além de uma possível queda no rendimento escolar e isolamento, os jovens que passam por humilhações racistas, difamatórias ou separatistas podem apresentar doenças psicossomáticas e sofrer de algum tipo de trauma que influencie traços da personalidade. Em alguns casos extremos, o bullying chega a afetar o estado emocional do jovem de tal maneira que ele opte por soluções trágicas, como o suicídio.

O tema da pesquisa está diretamente ligado às minhas experiências durante o curso colegial, pois este assunto foi muito presente em minha vida. Quando criança era excluído pelos colegas por ser acima do peso, possuir disfemia (gaguez), além de possuir pés planos, ou seja, “pé chato”. Devido a essas características, fui vítima de vários apelidos, e isto me deixava muito triste, era constantemente ridicularizado pelos colegas, e às vezes, até pelos professores. Muitas vezes entrei em vias de fatos, com os outros garotos como meio de defesa para me proteger das humilhações. Esses fatos me trouxeram traumas que me acompanham até hoje.

Cléo Fante (2005), educadora e autora do livro *Fenômeno Bullying: Como Prevenir a Violência nas Escolas e Educar para a Paz*, afirma que “O Bullying é o tipo de violência que mais cresce no mundo”. Depois dos acontecimentos em diversos países, este tipo de violência entrou em evidência, o que me levou a me identificar com as vítimas do bullying. Surgiram várias dúvidas, estranhezas e descobertas que me motivaram à produção desta monografia. Essa identificação com as vítimas do bullying me despertou a vontade de pesquisar sobre o tema.

A escolha desse tema é de extrema relevância, pois é crescente a incidência dos casos de bullying. Este trabalho tem por objetivo geral compreender o fenômeno bullying contribuindo para o debate sobre a incidência dos casos no ambiente escolar. Mais especificamente, pretende-se:

1. Traçar o perfil das vítimas e agressores baseando-se nas pesquisas realizadas;
2. Debater alternativas pedagógicas para o educador atuar com os alunos que sofrem o bullying.

Esta pesquisa visa responder ao seguinte problema: Como o educador, ao identificar o fenômeno no contexto escolar, deve atuar com os alunos que são vítimas do bullying?

Objetivando responder ao problema apresentado, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica sobre o tema. Desse modo, foram realizadas consultas em obras literárias de especialistas no assunto e artigos acadêmicos publicados. Baseando-se nos livros e pesquisa em sites sobre o assunto, construí resumos e formulei ideias que proporcionaram o suporte necessário para o desenvolvimento do trabalho.

No primeiro capítulo serão abordados alguns conceitos de violência a partir de alguns autores. No segundo capítulo, o conceito do fenômeno bullying será apresentado sintetizado pela visão de vários autores, citando alguns exemplos de casos mais famosos. No terceiro capítulo serão identificados o perfil das vítimas e dos agressores do bullying, e o modo pelo qual eles se relacionam. No quarto capítulo serão discutidas as principais alternativas utilizadas por professores para combater o bullying no contexto escolar. Por fim, tecemos algumas considerações finais visando responder ao problema de pesquisa.

Capítulo 1: A violência refletida no ambiente escolar.

A violência nas escolas é um fenômeno de extrema importância, que precisa ser estudado, sendo urgente que medidas sejam adotadas para que os índices e violência sejam reduzidos. O filósofo francês Debarbieux (2001, p.164) afirma que estudar a violência no ambiente escolar é *“antes mostrar como ela é socialmente construída em sua própria designação, como seu campo semântico se amplia a ponto de se tornar uma representação social central.”*

Refletir sobre violência é pensar na complexidade do ser humano e suas relações com o mundo. O comportamento violento se torna cada vez mais banal nos dias de hoje: Brigas de trânsito, maridos agredindo esposas, crianças e idosos sofrendo maus tratos, truculência policial, alunos que ameaçam professores, dentre outros casos que a mídia exhibe nos incitando a refletir sobre os valores sociais, culturais, econômicos, políticos e morais.

A violência é um fenômeno social que está em evidência na sociedade contemporânea. Os estudos acerca do tema passam a ter uma maior visibilidade no Brasil a partir do processo de redemocratização da sociedade brasileira. O número de casos de violência tem sido cada vez maior. Não restringida apenas às classes menos favorecidas, a mídia mostra que esse fenômeno perpetua-se entre as diversas classes econômicas e nos segmentos privilegiados da sociedade.

Segundo Michaud (1989, p.8):

Violência vem do latim *violentia*, que significa violência, caráter violento ou bravo, força. O verbo *violare* significa tratar com violência, profanar, transgredir. Tais termos devem ser referidos a *vis*, que quer dizer força, vigor, potência, violência, emprego de força física, mas também quantidade, abundância, essência ou caráter essencial de alguma coisa.

O conceito de violência é bastante amplo e está quase sempre associado à agressão física ou criminalidade. Por ser um fenômeno muito complexo, nenhuma área específica do conhecimento consegue explicar seus múltiplos fatores relacionados ao seu contexto social ou individual. A manifestação desse fenômeno está associada aos primórdios da espécie humana originando-se em disputas territoriais, poder, status, crença religiosa e de luta pela sobrevivência.

A Organização Mundial de Saúde (apud, DAHLBERG, 2002) subdivide o conceito de violência em três categorias, considerando a relação estabelecida entre a vítima e o perpetrador:

- Violência autodirigida: O perpetrador e a vítima são o mesmo indivíduo; inclui a automutilação e o suicídio.
- Violência coletiva: Remete para os conflitos armados; é utilizada pelos membros de um grupo contra outro grupo ou comunidade; pode ser determinada por razões políticas, sociais ou econômicas.
- Violência interpessoal: Ocorre entre indivíduos, no contexto familiar e comunitário; inclui a violência juvenil, assaltos, crimes contra a propriedade, violência nos locais de trabalho, nas escolas e outras instituições.

Esta subdivisão inclui uma classificação em função da violência, que pode se manifestar de forma física, sexual, psicológica, entre outras. No entanto, as diferenças entre as modalidades de violência nem sempre são claras.

Sebastião (1999) afirma que:

A violência é o excesso que, numa relação social, condensa uma visão do mundo como um espaço social de relações conflituais que tendem para qualquer forma de ruptura com a normalidade social considerada legítima. É uma relação de poder que, pretendendo ser irreversível, visa à constituição de um estado de dominação; é uma relação em que a coação é imperativa. (p.123)

Nesta afirmação, a violência parte do pressuposto da ação de uma pessoa sobre outra, sendo que essa ação parte do uso da força física ou de mecanismos de pressão psicológica, as quais representam uma relação de poder em desfavor da vítima, diferença essa que limita a sua capacidade para reagir às consequências da agressão (Burns & Flam, 2000).

Uma das maiores dificuldades de definir violência, consiste no fato da mesma poder se expressar de diversas maneiras e ser compreendida de múltiplas formas. Segundo aponta Abramovay (2005):

Apresentar um conceito de violência requer certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável. Suas representações, suas dimensões e seus significados passam por adaptações à medida que as sociedades se transformam. A dependência do momento histórico, da localidade, do contexto cultural e de uma série de outros fatores lhe atribui um caráter de dinamismo próprio dos fenômenos sociais (p. 53).

Freud (1930, apud BORBA, 2012) afirma que o ser humano nasce violento e só não realiza de forma brutal essa tendência primitiva porque renuncia aos instintos agressivos sob a influência do superego, que é a instância que reúne as leis da civilização, da cultura, responsável pela imitação de certos comportamentos para que a civilização seja possível.

Pode-se afirmar que a violência gera uma angústia que acompanha a sociedade. O envolvimento de jovens nos casos de violência esta cada vez mais precoce, preocupando pesquisadores, pais e educadores. O comportamento agressivo está sendo identificado cada vez mais cedo nas crianças em idade escolar.

Notoriamente não existe um consenso acerca do conceito de violência, porém os estudos apontam que, de um modo geral, o fenômeno e suas modalidades são prejudiciais a toda a sociedade.

Neste trabalho, será utilizado o conceito de Sebastião (1999), qual seja: A violência é diz respeito a qualquer tipo de agressão física ou psicológica que mantém a vítima em uma situação de submissão.

1.1 Tipologias de violência nas sociedades contemporâneas

Discorrer a cerca das modalidades de violência é uma tarefa complexa visto que cada autor possui uma determinada conceituação para o fenômeno. Nesta produção acadêmica será utilizada a teoria de Minayo (1994, p.8) que classificou o fenômeno em:

- Violência de Resistência: São as diferentes formas de respostas dos grupos oprimidos pela violência estrutural.
- Violência da Delinquência: Indivíduos ou grupo de indivíduos que agem de forma socialmente reconhecidas como ilícitas.

A psicóloga Débora Duarte (2010), em seu artigo Tipos de Violência Emocional, apresenta a seguinte tipologia:

- Violência Física: A modalidade de violência mais conhecida, na qual a agressão física se manifesta através de socos, empurrões, queimaduras, entre outros.
- Violência Psicológica (também conhecida como agressão emocional): É constituída pela rejeição, discriminação, depreciação, humilhação e desrespeito às vítimas. Ela não deixa marcas visíveis, mas emocionalmente provoca traumas para toda a vida.
- Violência Verbal: Não é um tipo de violência psicológica, pode ser realizada através de ofensas morais (insultos) e depreciações.
- Violência Sexual: O perpetrador se aproveita do poder que tem sobre a vítima para obter gratificação sexual, com ou sem consentimento, que é induzida a práticas de atos libidinosos. A violência sexual envolve o medo, vergonha e sentimento de culpa da vítima.
- Negligência: comum em vítimas como crianças, idosos, deficientes físicos e entre outras pessoas que dependem de terceiros no seu dia-a-dia para a realização de suas necessidades básicas para o seu desenvolvimento físico e emocional.

Os autores Cruz Neto & Moreira (1999, p.32-34) estabelecem alguns fatores que favorecem o surgimento do fenômeno na sociedade, entre esses fatores podemos destacar: Os fatores socioeconômicos, institucionais, repressão, culturais, demografia urbana, meios de comunicação e até mesmo a globalização.

Diante do exposto, percebe-se que estes fatores são motivados por necessidades pessoais de cada indivíduo e de cada contexto da sociedade no qual estão inseridos.

Desse modo, é possível afirmar que os autores citados fazem uma classificação ampla do fenômeno subdividindo-o em diversas categorias e variados fatores determinantes para sua ocorrência. Entretanto, este trabalho acadêmico será direcionado ao fenômeno da violência presente no âmbito escolar.

1.2 Violência nas escolas

Recentemente a violência no ambiente escolar está em evidência como um fenômeno complexo que desperta a atenção de educadores e sociedade, tendo em vista que as diferentes manifestações de violência no ambiente escolar compromete a qualidade de ensino no contexto escolar.

Faz-se necessário ratificar que é uma tarefa árdua conceituar violência escolar, tendo em vista que se percebe a violência a partir de aspectos culturais, históricos e individuais. Entretanto, é preciso uma sistematização do que se considera pertencente ou não ao fenômeno da violência escolar. Compreende-se que esse fenômeno incorpora tanto a perspectiva mais explícita da violência, como agressão entre indivíduos quanto à violência institucional que ocorre por meio das regras, normas e hábitos culturais de uma instituição. Tratando-se de violência escolar, é necessário indicar o local de ocorrência da situação, os envolvidos, a tipologia das ações e se o fato possui alguma especificidade.

Inicialmente, o fenômeno da violência presente na escola era vista como uma questão disciplinar. Posteriormente, passou a ser definida como delinquência juvenil. Atualmente é percebida sobre perspectivas que expressam um fenômeno oriundo da globalização. A constante exposição nos meios de comunicação de casos de violência envolvendo crianças, adolescentes e jovens dentro dos estabelecimentos escolares também foi responsável pelo aumento da atenção dada às escolas como receptáculos, vítimas e produtoras de violência (Abramovay, Rua 2002, p.19).

Cléo Fante (2005), uma das principais pesquisadores sobre violência escolar, define violência como: “todo ato praticado de forma consciente ou inconsciente, que fere, magoa, constrange ou causa dano a qualquer membro da espécie humana” (p.157). Dessa forma, a autora afirma ser a violência praticada mediante uma intencionalidade ou não do agente para a ocorrência de um fato violento.

Como tudo que ocorre na sociedade, a violência reflete-se camuflada, às vezes implícita, no ambiente escolar de diversas maneiras. Existem diferentes modalidades de violência propagadas no ambiente escolar, Charlot (1997) classifica a violência escolar em três diferentes tipos:

- **Violência física** – Golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes. **Violência verbal ou incivildades** – As palavras tornam-se tão agressivas quanto à violência física, pois machuca diretamente o ouvinte, através de humilhações, palavras grosseiras e falta de respeito.
- **Violência simbólica ou institucional** – A violência das relações de poder na instituição educacional.

Charlot (2002, p.38), também expõe a diferença entre transgressão, violência e incivildade, baseando-se em ideias de pesquisadores franceses:

O termo violência, pensam eles, deve ser reservado ao que ataca a lei com uso da força ou ameaça usá-la: lesões, extorsão, tráfico de drogas na escola, insultos graves. A transgressão é o comportamento contrário ao regulamento interno do estabelecimento (mas não ilegal do ponto de vista da lei): absenteísmo, não realização de trabalhos escolares, falta de respeito, etc. Enfim, a incivildade não contradiz, nem a lei, nem o regulamento interno do estabelecimento, mas as regras de boa convivência: desordens, empurrões, grosserias, palavras ofensivas, geralmente ataque cotidiano – e com frequência repetido – ao direito de cada um (professor, funcionário, aluno) ver respeitada sua pessoa.

Já Derbabieux (1996, p.42) afirma que ao estudar a violência escolar devem-se considerar os seguintes aspectos: crimes e delitos; incivildades; sentimento de insegurança.

Apesar da complexidade do conceito do fenômeno, existe um consenso quanto ao fato de que não só a violência física merece atenção, pois outros tipos de violência podem ser traumáticos e graves.

Ainda segundo Derbabieux (1996), a violência nas escolas está associada a três dimensões: Primeiramente à violência externa que invade a escola. Em seguida, a frágil gestão das escolas que não sabe como lidar com o problema. E, por fim, ao componente interno de cada estabelecimento, pois existem escolas seguras, localizadas em bairros caracterizados por violência e vice-versa.

Vasconcellos (2005, p.54) acrescenta outro olhar ao debater a temática. Conforme o referido autor, *“A sala de aula é o centro de acontecimento da educação escolar, pois a formação básica do educando se dá neste espaço de interação entre os sujeitos, mediados pela realidade.”* Assim, faz-se importante a distinção entre as modalidades de violência escolar que podem ser categorizadas como: violência na escola, violência à escola e violência da escola.

A violência na escola é caracterizada por atos violentos que ocorrem no ambiente escolar, que incluem de insultos a ameaças, utilização de entorpecentes e até homicídios. A maioria deste tipo de violência tem origem em fatores externos à escola, tais quais: desestruturação familiar, desigualdade de renda, crianças oriundas de bairros violentos, além de outros fatores que contribuem de maneira indireta para a formação do indivíduo.

A violência à escola é constituída pela invasão de fatores externos à escola, como a criminalidade, rixas entre gangues, depredação do patrimônio e vandalismo.

A violência Institucional ou simbólica, como é conhecida a violência da escola, caracteriza-se pela violência cometida pelos professores, diretores e funcionários que é oriunda do currículo oculto que “é constituído por todos aqueles aspectos do ambiente escolar que, sem fazer parte do currículo oficial, explícito, contribuem, de forma implícita para aprendizagens sociais relevantes (...) o que se aprende no currículo oculto são fundamentalmente atitudes, comportamentos, valores e orientações...” (SILVA, 2001, p.78).

Nos estabelecimentos de ensino, onde casos de violência são constantemente vivenciados pelos alunos, o processo de aprendizagem torna-se muito comprometido, pois os alunos vivem em constante tensão, principalmente psicológica. Porquanto, muitos desistem de frequentar as aulas. Alunos e professores tornam-se desmotivados, formando um ciclo onde “os docentes fingem que ensinam e os discentes fingem que aprendem”, e isto vai ocorrendo até a formação superior deixando fraturas no processo de aprendizagem.

Os alunos não possuem o mesmo comportamento que possuíam anteriormente, e a instituição escolar não sabe lidar com a sua conduta, que não se submetem as regras de submissão impostas pela escola. Candau, Lucinda e Nascimento (2001, p.70) discutem a questão do enfrentamento da violência ao dizer que:

[...] aponta a complexidade dos caminhos possíveis para o enfrentamento da questão da violência, dada sua abrangência. A ela, estão associados tantos fatores que se referem a um nível mais amplo-social, político, histórico e cultural- como fatores mais específicos, que passam pelos currículos, pelas relações que se dão no interior da escola, pelo julgamento escolar.

A violência presente nas escolas é proveniente da interação de diversos fatores, tais quais: individuais, sociais e coletivos. Esta gama de fatores demonstra que não existe uma uniformidade do fenômeno, explicando, assim, a disparidade entre como cada estabelecimento de ensino enxerga o problema.

Recentemente, todo ato de violência ocorrido no ambiente escolar está sendo denominado como Bullying. A crescente visibilidade do Bullying desperta um sentimento de preocupação na sociedade e tornou-se um tópico de investigação (Almeida & Barrio, 2003). Porém, essa evidência das situações de violência na escola ocasiona confusão e imprecisão no que concerne à delimitação dos conceitos utilizados para a definição dessa modalidade específica de violência. Então, torna-se preciso esclarecer o que estudiosos entendem por bullying. Desse modo, no próximo capítulo será apresentado o conceito de bullying.

Capítulo 2: O que é o *Bullying*?

“A menina que você chama de gorda, passa dias sem comer para perder peso. O menino que você chama de burro, quem sabe tenha problemas de aprendizagem. A menina que você acabou de chamar de feia passa horas arrumando-se para que pessoas como você a aceitem. O menino que você provoca e goza na escola, pode receber maus tratos em casa e você só estará contribuindo para destruir sua autoestima. Se você é contra o BULLYING (violência psicológica) divulgue a ideia contra esta prática.”
(texto da campanha no Facebook)

A palavra "*Bully*" vem da origem inglesa que significa "valentão". A utilização universal do termo *Bullying* foi proveniente da dificuldade de traduzi-lo para diferentes idiomas.

Grande parte da sociedade acredita que o *Bullying* é um tipo de agressão física, mas não é só isso, ele compreende todas as formas e atitudes agressivas discriminatórias. Essas atitudes são tomadas por uma ou mais pessoas, contra outra pessoa. Para quem pratica, é apenas uma brincadeira engraçada, porém, para quem sofre, essas brincadeiras magoam e são muito desagradáveis. Insultos, intimidações, apelidos cruéis e constrangedores, gozações que magoam profundamente, acusações injustas, atuação de grupos que hostilizam, ridicularizam e infernizam a vida de outros alunos, levando-os à exclusão, além de danos físicos, psíquicos, morais e materiais, são algumas das manifestações do comportamento *Bullying*.

A autora Ana Beatriz Barbosa (2005, p.53) afirma que:

A palavra *Bullying* ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no Brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar as agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes, geralmente, não apresentam motivações específicas ou justificáveis. Isso significa dizer que, de forma quase "natural", os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. E isso, invariavelmente, sempre produz, alimenta e até perpetua muita dor e sofrimento nos vitimados.

A ABRAPIA¹ é uma Organização Não-Governamental (ONG), que possui como foco a redução do comportamento agressivo entre estudantes. Seu objetivo é conscientizar educadores, família e sociedade para a existência do problema e das

¹ Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes

suas possíveis consequências. Através da ação da ABRAPIA, muitos ouviram pela primeira vez sobre a violência de pais e da família contra seus filhos, do abuso sexual familiar, do *Bullying*, dos fatos que prejudicam a formação infantil. A fundação visa à criação de políticas públicas e informar a população através da mídia. A ABRAPIA criou, desenvolveu e operacionaliza os serviços telefônicos SOS Criança em todo o Estado do Rio, o Disque Denúncia para todo o país e o Telefone Amigo da Criança (TECA) para o município do Rio de Janeiro.

Segundo a ABRAPIA, o termo *Bullying* é utilizado para definir formas de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas contra um indivíduo que não tenha como se defender. As agressões ocorrem devido diferença de raça, cor, religião, tipo físico, deficiência, entre outras características que diferenciem a vítima do restante do grupo. Este tipo de abuso é cometido contra as pessoas à intenção de humilhá-las, disfarçado em brincadeiras. Esse comportamento agressivo é tradicionalmente admitido como naturais, sendo ignorado ou até valorizado, tanto por professores quanto pelos pais.

Cleodelice Aparecida Zonato Fante, ressalva no seu artigo “O fenômeno *Bullying* e suas consequências psicológicas” que:

O Bullying é um conceito específico e muito bem definido, uma vez que não se deixa confundir com outras formas de violência. Isso se justifica pelo fato de apresentar características próprias, dentre elas, talvez a mais grave, seja a propriedade de causar “traumas” ao psiquismo de suas vítimas e envolvidos. Possui ainda a propriedade de ser reconhecido em vários outros contextos, além do escolar: nas famílias, nas forças armadas, nos locais de trabalho (denominado de assédio moral), nos asilos de idosos, nas prisões, nos condomínios residenciais, enfim onde existem relações interpessoais. (FANTE, 2005, p.26)

Há alguns anos o *Bullying* começou a ser pesquisado na Europa, por haver um grande índice de tentativas de suicídio entre jovens. Durante as pesquisas foi observado que grande parte os casos ocorria nas escolas, e que as vítimas eram jovens que não se enquadravam nos padrões dos colegas. Essa situação possuía aspectos preocupantes, tanto pelo seu crescimento, quanto por atingir faixas etárias, cada vez mais baixas, relativas aos primeiros anos de escolaridade.

Entre os anos de 1978 e 1993, o professor Dan Olweus, na universidade de Bergen, Noruega, iniciou a Campanha Nacional Anti-bullying. Durante os anos 70, Olweus iniciou investigações na instituição escolar acerca do problema dos

agressores e suas vítimas, apesar do assunto não despertar interesse nas escolas. No início da década de 80 três estudantes cometeram suicídio. Esses incidentes pareciam ter sido provocados por situações graves de bullying, despertando a atenção das instituições de aprendizagem para o problema.

Um aspecto preponderantemente fundamental para os resultados da pesquisa sobre a prevenção do bullying foi a avaliação da sua natureza e ocorrência. Como os estudos de observação são demorados, Olweus preferiu a utilização de questionários que serviram para realizar a verificação das características e extensão do bullying, como também avaliar os impactos das intervenções que estavam sendo adotadas. O questionário possuía 25 questões objetivas, as quais verificavam a frequência, tipos de agressores, locais onde mais ocorriam, tipos de agressores e percepções individuais quanto ao número de agressores. Esta pesquisa visava apurar as situações de vitimização/agressão segundo a perspectiva da própria criança.

Os primeiros resultados sobre o diagnóstico do BULLYING foram informados por Olweus (1989) e por Roland (1989), e por eles se verificou que 1 em cada 7 estudantes estava envolvido em caso de BULLYING. Em 1993, Olweus publicou o livro "BULLYING at School" apresentando e discutindo o problema, os resultados de seu estudo, projetos de intervenção e uma relação de sinais ou sintomas que poderiam ajudar a identificar possíveis agressores e vítimas. Essa obra deu origem a uma Campanha Nacional, com o apoio do ⁱⁱⁱGoverno Norueguês, que reduziu em cerca de 50% os casos de BULLYING nas escolas. Sua repercussão em outros países, como o Reino Unido, Canadá e Portugal, incentivou essas nações a desenvolverem suas próprias ações. (Disponível em: <http://www.qdivertido.com.br/verartigo.php?codigo=5> Acessado em: 01 jul 2011, 11:00:00)

Segundo Silva (2010, p.111):

Na Noruega, o Bullying foi, durante muitos anos, motivo de apreensão entre pais e professores que se utilizavam dos meios de comunicação para expressar seus temores sobre os acontecimentos. Mesmo assim, as autoridades educacionais daquele país não se pronunciavam de forma oficial e efetiva diante dos casos ocorridos no ambiente escolar.

O fenômeno do *bullying* começou a tomar espaço entre os pesquisadores depois da grande incidência de casos ocorridos que ganharam espaço na mídia. O caso que teve um maior destaque foi o que ficou conhecido como Columbine, ocorreu em 1999 no Estado de Colorado (EUA). Nesse episódio os estudantes da Columbine High School, Eric Harris, 18 anos, e Dylan Klebold, 17 anos, mataram 12 colegas e um professor e cometeram suicídio em seguida. Após esse caso, outro

que ganhou destaque ocorreu na Virgínia (EUA), no ano de 2007, o estudante coreano Cho Seung-hui, 23 anos, invadiu a universidade de Virgínia Tech, nos Estados Unidos, matou 30 pessoas e cometeu suicídio.

No Brasil, houve casos que tiveram destaque na mídia, tais como: na cidade de Taiúva (SP), em 2003, Edmar Aparecido Freitas, 18 anos, era vítima de zombaria desde os sete anos de idade por ser “gordinho”, ele foi ao colégio em que estudou armado com um revólver, atingiu nove pessoas e depois cometeu suicídio. Posteriormente, no ano de 2011, na cidade de Realengo (RJ), Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, ex-aluno da Escola Municipal Tasso de Oliveira invadiu a escola armado com dois revólveres e começou a disparar contra os alunos presentes, matando doze deles, com idade entre 12 e 14 anos. Oliveira foi interceptado por policiais, cometendo suicídio.

Estes são os poucos casos que tiveram uma maior repercussão na mídia, porém, todos os dias milhares de crianças enfrentam este problema que está ficando cada vez mais comum.

Ainda conforme Silva (2010), o fenômeno ocorre em todas as escolas, independente de tradição, localização e situação financeira dos alunos, variando apenas quanto à ocorrência, como ocorre e da postura aplicada pela instituição ao enfrentar o problema.

O *bullying* é um problema que se apresenta nos mais variados espaços, sendo encontrado em qualquer ambiente como no trabalho, na casa da família, nas forças armadas, prisões, condomínios residenciais, clubes e asilos - como apontam Fante (2005) e Smith (2002) - e principalmente nas instituições educacionais, sejam elas privadas ou particulares. As escolas que não reconhecem o fenômeno no seu espaço ou desconhecem os casos, ou se negam a enfrentá-lo.

Hayden e Blaya (2002, apud LOGRADO, 2010) afirmam que o fenômeno consiste no desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão. Olweus (1993) reafirma a teoria do abuso de poder sistemático, vitimização repetida ao longo do tempo através de xingamentos, agressões físicas, gestos ofensivos, extorsão, exclusão, entre outros.

Diogo Dreyer (2008, p.6) ressalta que:

“Além de haver alguns casos com desfechos trágicos, esse tipo de prática também está preocupando por atingir faixas etárias cada vez mais baixas, como crianças dos primeiros anos da escolarização. Dados recentes mostram sua disseminação por todas as classes sociais e apontam uma tendência para o aumento rápido desse comportamento com o avanço da idade dos alunos. Diversos trabalhos internacionais têm demonstrado que a prática de *Bullying* pode ocorrer a partir dos três anos de idade, quando a intencionalidade desses atos já pode ser observada”,

Faz-se necessário ressaltar que o bullying não ocorre apenas entre os alunos, podendo ocorrer também entre funcionários e educadores, pois muitos são humilhados e perseguidos tanto pelos alunos como pelo corpo pedagógico hierarquicamente superior. A maioria dos profissionais tem a violência mas não sabe qual atitude tomar: se comunicam aos superiores, podem mostrar incapacidade de lidar com a situação; se buscam o diálogo com os alunos pode-se perder a autoridade e demonstraram fraqueza perante os agressores. Este é um dilema enfrentado por diversos profissionais da área de educação.

Aramis A. Lopes Neto (2005), sócio fundador da ABRAPIA, em seu artigo “Bullying - comportamento agressivo entre estudantes”, classifica o fenômeno em dois tipos: O Bullying Direto, Indireto e o Cyberbullying.

O Bullying Direto é caracterizado pelas agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que geram mal estar aos alvos. É considerado Bullying Indireto as atitudes de indiferença, isolamento, difamação e negação aos desejos. O Cyberbullying é uma nova modalidade do fenômeno que consiste no uso da tecnologia de informação e comunicação (sites de relacionamento, e-mails, telefones) como recurso de proliferação de comportamentos hostis e difamatórios a um grupo ou indivíduo.

De acordo com Silva (2010) o bullying pode se expressar da seguinte maneira:

- Verbal – insultos; ofensas; xingamentos; gozações; apelidos pejorativos; piadas ofensivas.
- Físico e Material – agredir; chutar; espancar; empurrar; ferir; beliscar; roubar, furtar ou destruir pertences da vítima; atirar objetos contra vítima.

- Psicológico e moral - irritar; humilhar e ridicularizar; excluir; isolar; ignorar; desprezar; discriminar; aterrorizar ou ameaçar; chantagear ou intimidar; tyrannizar; dominar; perseguir; difamar; fazer intrigas; fofocas; passar bilhetes e desenhos de caráter ofensivo entre os colegas.
- Virtual – utilizando aparelhos e equipamentos de comunicação para agredir aproveitando-se do anonimato.

O bullying está diretamente relacionado à situação em que um indivíduo é exposto repetidamente a ações negativas de forma gratuita. Os autores, em geral, compreendem uma pessoa ou grupo de pessoas em condição desigual de poder com relação a vítima, que pode tanto ser características quanto a popularidade, força física ou estatura física, competência social, extroversão, inteligência, idade, sexo, etnia e status socioeconômico.

Aramis Neto (2005) evidencia os principais fatores que contribuem para a manifestação do Bullying. Os fatores econômicos, sociais e culturais influenciam diretamente na ocorrência do fenômeno.

Conforme Newcombe (1999 apud RAMOS, 2005) os principais fatores determinantes da violência, possui relação com fatores biológicos, influências familiares, rejeição dos pais e permissividade. De acordo com a autora, a raiva é uma emoção sentida desde a primeira infância que pode desencadear conflitos internos resultando muitas vezes em agressão.

Os motivos que causam o *Bullying* são variados e está geralmente ligado às experiências que cada jovem teve com sua família e meio social. A fonte mais comum das crianças que são alvo ou autores deste tipo de violência é o seu convívio social. Pode ser oriunda de famílias desestruturadas, com relações afetivas de baixa qualidade e que a violência doméstica esteja presente.

Não existe apenas um caminho pelo qual uma criança se transforma em um Bully. Transtornos comportamentais, portadores de psicose e crianças vítimas de educação permissiva ou demasiada agressiva, são levados a construir jovens agentes dessa violência.

O que leva esses jovens a escolherem outras a prática do bullying são as características do alvo. O autor do bullying observa as características intrínsecas de

determinada pessoa, verificando se essa possui bastante timidez, poucos amigos, dificuldade de se expressar e autoestima baixa.

Diante dos aspectos abordados, define-se o bullying como uma manifestação da violência no ambiente escolar caracterizada por um conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas que visam o assédio moral da vítima por meio do poder para atender aos interesses dos detentores de uma posição privilegiada no ambiente.

Capítulo 3 – O perfil dos Envolvidos.

Os personagens envolvidos nos casos de bullying podem ser classificados em vítimas, agressores e testemunhas de acordo com a atitude adotada diante as situações de bullying.

3.1 Vítimas ou alvos de bullying

As principais vítimas do bullying são crianças que não atendem aos padrões impostos pela sociedade. Essas fugas dos padrões muitas vezes relacionam-se pelo tipo físico, condição social, religiosa, raça, entre outras. São jovens que possuem alguma diferença em relação ao grupo, fugindo dos padrões estereotipados influenciados pela mídia, pela sociedade em geral.

O alvo da agressão pode ser fisicamente mais fraco, pode simplesmente perceber-se como física ou mentalmente mais fraco que o perpetrador ou pode existir uma diferença numérica, com vários estudantes agindo contra uma única vítima. (CATINI, 2004, p.3)

Normalmente não possuem recursos, status ou habilidade para revidar ou cessar o bullying. Em geral são pouco sociáveis, inseguros e desesperançosos quanto às possibilidades de socialização com o grupo. A baixa autoestima é agravada por críticas provindas dos adultos acerca de sua vida ou comportamento, dificultando a possibilidade de ajuda. Possui poucos amigos, é passivo, retraído, infeliz e sofre com a vergonha, medo, depressão e ansiedade. Geralmente a autoestima está tão comprometida que acredita ser merecedor dos maus tratos sofridos.

Lopes Neto (2005) classifica a vítima como aquelas que não possuem habilidade de reagir ao bullying, não possui segurança, tem baixa autoestima que com a persistência das agressões pode se agravar.

Pereira (2002) afirma que as vítimas podem apresentar poucas competências sociais, não sabem se impor diante do grupo ou respondem de forma provocativa ou imatura.

Sente dificuldades de impor-se ao grupo, tanto física como verbalmente, e tem uma conduta habitual não agressiva, motivo pelo qual parece denunciar

ao agressor que não irá revidar se atacada e que é presa fácil para seus abusos (FANTE, 2005, p.72)

Fante (2005) define que a vítima típica é, no geral, tímida ou reservada, normalmente mais sensível, ansiosa, insegura que os outros grupos e não respondem de maneira agressiva.

As vítimas provocadoras são, de acordo com Silva (2010), as que acabam, sem intenção, incitando e atraindo a atenção dos agressores, entretanto não conseguem se defender de forma satisfatória.

Nesse grupo geralmente encontramos as crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos e/ou imaturos, que criam, sem intenção explícita, um ambiente tenso na escola. Sem perceberem, as vítimas provocadoras acabam “dando um tiro nos próprios pés”, chamando a atenção dos agressores genuínos. Estes, por sua vez, se aproveitam dessas situações para desviarem toda a atenção para a vítima provocadora. Assim, os verdadeiros agressores continuam incógnitos em suas táticas de perseguição. (SILVA, 2010, p.40)

Existem também as vítimas agressoras, que diante do contexto reagem com agressividade, reproduzindo a violência para compensar a humilhação. Elas buscam uma vítima mais fraca para cometer os mesmos atos. Lopes Neto (2005) enfatiza que a combinação de baixa autoestima e comportamento agressivo é indicativa de um jovem possui uma provável alteração psicológica merecendo uma atenção especial.

Neto (2005, p.12) ressalva:

Nos casos em que alunos armados invadiram as escolas e atiraram contra colegas e professores, cerca de dois terços desses jovens eram vítimas de *bullying* e recorreram às armas para combater o poder que os sucumbia. As agressões não tiveram alvos específicos, sugerindo que o desejo era o de "matar a Escola", local onde diariamente todos os viam sofrer e nada faziam para protegê-los.

Ainda conforme Silva (2010) salienta que “isso aciona o efeito cascata ou de círculo vicioso, que transforma o bullying em um problema de difícil controle e que ganha proporções infelizes de epidemia mundial de ameaça à saúde pública”. (SILVA, 2010, p.42)

É incomum que a vítima revele espontaneamente que esteja sendo atacada, seja por vergonha, por temer retaliações, por não acreditar nas atitudes favoráveis da escola ou por temer possíveis escárnios.

Olivini (2008, p.92) afirma:

Infelizmente, são poucos os alunos alvos que procuram os educadores reclamando da situação vivenciada e pedindo ajuda. Vivendo sob ameaças e intimidações, o medo do autor invade o aluno alvo, que por consequência, contribui para que impere a lei do silêncio e seu contínuo sofrimento pela vivência do bullying. Algumas vezes os docentes até percebem as movimentações do bullying entre os alunos, no entanto, como não há reclamações ou pedidos de ajuda dos alunos, comumente, passam a entender como um gesto exclusivo de indisciplina.

3.2 Agressores ou Bullies

Os praticantes de Bullying são conhecidos como Bullies e podem ser de ambos os sexos, parecer fisicamente mais forte ou mais velho que os agredidos e sentem a necessidade de dominar e subjugar os outros.

O autor do fenômeno visa tornar-se o centro das atenções, e por isto sente a necessidade de exercer poder sobre as vítimas. O agressor visa obter destaque através das agressões praticadas.

O autor de *bullying* é tipicamente popular; tende a envolver-se em uma variedade de comportamentos antissociais; pode mostrar-se agressivo inclusive com os adultos; é impulsivo; vê sua agressividade como qualidade; tem opiniões positivas sobre si mesmo; é geralmente mais forte que seu alvo; sente prazer e satisfação em dominar, controlar e causar danos e sofrimentos a outros. Além disso, pode existir um "componente benefício" em sua conduta, como ganhos sociais e materiais. São menos satisfeitos com a escola e a família, mais propensos ao absenteísmo e à evasão escolar e têm uma tendência maior para apresentarem comportamentos de risco (consumir tabaco, álcool ou outras drogas, portar armas, brigar, etc). As possibilidades são maiores em crianças ou adolescentes que adotam atitudes antissociais antes da puberdade e por longo tempo.

Fante (2005) salienta que o autor de bullying tende a manter um grupo em torno si, no qual atuam como assistentes em suas agressões. Estes alunos raramente tomam as iniciativas dos atos.

Sobre os alunos definidos como seguidores, Lopes Neto (2005) afirma:

Pode manter um pequeno grupo em torno de si, que atua como auxiliar em suas agressões ou é indicado para agredir o alvo. Dessa forma, o autor dilui a responsabilidade por todos ou a transfere para os seus liderados. Esses

alunos, identificados como assistentes ou seguidores, raramente tomam a iniciativa da agressão, são inseguros ou ansiosos e se subordinam à liderança do autor para se proteger ou pelo prazer de pertencer ao grupo dominante.

Esta necessidade de autoafirmação pode ser proveniente de afetividade deficitária associada a lares desestruturados ou ao temperamento do próprio jovem. Para estes jovens, as ações agressivas são normais e muitas vezes aceitas pela família.

Neto (2005, p.168) ressalva:

Algumas condições familiares adversas parecem favorecer o desenvolvimento da agressividade nas crianças. Pode-se identificar a desestruturação familiar, o relacionamento afetivo pobre, o excesso de tolerância ou de permissividade e a prática de maus-tratos físicos ou explosões emocionais como forma de afirmação de poder dos pais.

Notoriamente, a família exerce um papel fundamental na construção da identidade de jovem. No âmbito familiar, a manifestação do comportamento do bullie pode ser observada nas relações sociais entre irmãos, empregados domésticos ou até em animais de estimação. Ao observar esse tipo de comportamento, os familiares deveriam procurar a escola e auxílio especializado para o assessoramento do jovem.

Fatores individuais também influem na adoção de comportamentos agressivos: hiperatividade, impulsividade, distúrbios comportamentais, dificuldades de atenção, baixa inteligência e desempenho escolar deficiente.

Como afirma Schultz (2012, p.141):

Ainda quanto às características pessoais dos autores de *bullying*, frequentemente são citadas as disposições e atitudes como impulsividade, agressividade, irresponsabilidade, ansiedade, insegurança e elevada autoestima. A insegurança traduz-se justamente na manutenção de um padrão que frequentemente inibe os contatos interpessoais e processos proximais, mas que no contexto em que ocorre é encorajado e valorizado, tornando os autores de *bullying* reconhecidos, ainda que pelo medo que inspiram. Possivelmente por não terem experienciado padrões relacionais diferentes, esses indivíduos não puderam desenvolver habilidades de relacionar-se de forma pacífica e afetiva. Entre as demandas dos autores de *bullying* geralmente se encontram beleza, alta estatura, utilização de roupas e acessórios da moda.

Sobre os agressores, fica explícita a necessidade de exercer poder sobre a vítima. Ele gosta de ser destacado pelas perversidades praticadas contra a vítima, as quais são consideradas naturais por ele. Como Pereira (2002) deixa evidente, para esses jovens o ato agressivo é perfeitamente normal e muitas vezes aceito pela família.

3.3 Testemunhas

Há também a presença das testemunhas durante o processo. Os espectadores são as pessoas que presenciam os atos de violência (física e/ou moral) e reagem passivamente, incentivando os bullies (agressores) ou de forma neutra.

Neto (2005) afirma:

Grande parte das testemunhas sente simpatia pelos alvos, tende a não culpá-los pelo ocorrido, condena o comportamento dos autores e deseja que os professores intervenham mais efetivamente. Cerca de 80% dos alunos não aprovam os atos de *bullying*.

A maioria dos alunos não se envolve diretamente em atos de *bullying* e geralmente se cala por medo de ser a "próxima vítima", por não saberem como agir e por descrerem nas atitudes da escola. Esse clima de silêncio pode ser interpretado pelos autores como afirmação de seu poder, o que ajuda a acobertar a prevalência desses atos, transmitindo uma falsa tranquilidade aos adultos.

As testemunhas podem ser subdivididas em três categorias: passivas, ativas e neutras.

Apesar de condenar as atitudes dos bullies, a testemunha passiva não apresenta nenhuma reação para defender a vítima. Através de ameaças explícitas, ou não, elas temem tornar-se o próximo alvo dos agressores, agindo assim, de forma passiva.

A testemunha ativa é aquela que estimula diretamente ou indiretamente a ação dos bullies. Ela não participa ativamente das agressões, porém diverte-se com os atos de violência.

Por uma questão sociocultural, as testemunhas neutras não se sentem sensibilizadas pelas atitudes dos agressores. A mesma ignora o ato como se a

violência fosse algo do qual já está acostumada, em função do próprio contexto social.

Sobre o comportamento adotado pelas testemunhas Schultz (2012, p.6) salienta:

Quando adotam a lei do silêncio testemunham tudo, mas nada fazem por medo de ser a próxima vítima. Também nesse grupo estão alguns alunos que não participam dos ataques, mas manifestam apoio ao agressor. As principais características das testemunhas referem-se a disposições como ausência de iniciativa e de senso de autoeficácia, que os impede tanto de defender o alvo quanto de solicitar ajuda ou praticar os ataques.

Estes são os perfis sugeridos por diversos autores acerca dos envolvidos no fenômeno do bullying. É de extrema importância ressaltar que essas denominações e características não são aplicadas a todos os envolvidos por se tratar de um fenômeno bastante complexo ainda em estudo.

Capítulo 4 – Enfrentando o Fenômeno.

Em algumas instituições escolares, o fenômeno bullying era considerado como um comportamento normal constituinte do crescimento do educando. Muitos profissionais acreditavam que não podiam fazer nada frente à situação.

O descaso de alguns professores e funcionários perante as ocorrências do fenômeno são graves tendo em vista que pode ocasionar na evasão escolar de muitas das vítimas, que por não conseguirem se defender, acabam desistindo de frequentar a escola.

Maríel (2006, p.37) salienta:

Adolescentes vítimas do bullying geralmente são pessoas com dificuldades para reagir diante das situações agressivas, retraindo-se, o que pode contribuir para a evasão escolar, já que, muitas vezes, não conseguem suportar a pressão a que são submetidos.

O bullying no ambiente escolar é uma ameaça às relações sociais pois isola os sujeitos vítimas do processo educativo. É preciso que além de incentivar uma convivência pacífica entre os alunos, seja inserido nos currículos escolares os valores humanos. Eles iriam atuar como um antídoto contra as discriminações e estereótipos de uma sociedade cada vez mais individualista, egoísta e excludente.

Nunes (2008) acredita que a iniciativa para intervir, combater e prevenir a ocorrência do fenômeno na escola seria um projeto de conscientização de pais e educadores para ensinar a importância do respeito ao próximo e da tolerância com o diferente. O diálogo constante entre professores e alunos torna-se de extrema importância no combate e na erradicação do bullying no ambiente escolar.

Preconceito, racismo e discriminação devem ser apresentados aos alunos como práticas desfavoráveis ao convívio social. A informação é o primeiro passo do combate à violência e ao silenciamento da vítima. O educador poderá propor a leitura de textos de fatos cotidianos que ajudem no rompimento dos preconceitos e que contextualizem com a sala de aula e o ambiente escolar em geral.

Segundo Lopes Neto (2005, p.170):

A inexistência de políticas públicas que indiquem a necessidade de priorização das ações de prevenção ao bullying nas escolas, objetivando a garantia da saúde e da qualidade da educação, significa que inúmeras crianças e adolescentes estão expostos ao risco de sofrerem abusos regulares de seus pares. Além disso, aqueles mais agressivos não estão recebendo o apoio necessário para desviá-los de caminhos que possam vir a causar danos por toda a vida.

A leitura de textos informativos que contenham como foco a promoção do companheirismo, amizade e inclusão é uma opção para professores que visam promover a interação da classe. Apresentação de peças teatrais e jogos lúdicos contribuirão para a redução da incidência dos casos de estranhamento e violência frente ao diferente. A partir de práticas educativas que promovam a solidariedade e a boa convivência com o próximo é que se pode pensar numa escola onde os alunos conviverão e aprenderão pacificamente com seus pares.

Com a integração harmônica entre alunos, professores e funcionários é possível à criação de vínculos concretos de afetividade e respeito e a escola se torna um local atrativo para as práticas educativas, políticas e culturais. Caso essa afetividade não exista entre os sujeitos, a instituição se tornará um lugar indesejado de convivência, repleto de violência e conflitos que prejudicarão o desempenho intelectual e o equilíbrio emocional não só do aluno, mas como o de todos envolvidos no processo. Apenas através dessa relação harmônica o educando ficará propício a compartilhar seus anseios com o educador.

Marriel (2006, p.46) afirma que: *“Investir na melhoria da relação professor-aluno é um alvo a ser destacado, dada a sua relevância na atuação sob a violência e no desenvolvimento de características individuais como a autoestima.”*

É preciso a consciência que para reduzir a incidência dos casos de bullying o educador precisará do apoio dos agentes internos e externos do ambiente escolar, tais quais: direção, coordenação, supervisão, colegiado, pais e alunos. Outra dificuldade no processo de extinção do bullying é a sua identificação. O agressor utiliza-se do apoio dos seus seguidores para realizar as agressões e as vítimas permanecem em silêncio temendo retaliações, o que deixa o professor sem reação e muitas vezes sem perceber a ocorrência do fenômeno.

De acordo com Marriel (2006), a formação continuada dos educadores é um aspecto importante no enfrentamento do bullying, pois, com professores despreparados para atuar com alunos que diferem dos padrões sociais, pode-se agravar ainda mais o comportamento agressivo destes alunos que não possuem limites de comportamento, nem disciplina. E uma vez perdendo o controle da situação na sala de aula, o educador permite que o agressor volte a sua condição natural de agressão, humilhação e violência contra seus pares.

Entretanto, o discurso do educador deve ser coerente com a sua prática pedagógica, pois não adiantar transmitir um ensinamento ético e agir de maneira diversa da apresentada. Os Parâmetros Curriculares Nacionais: Apresentação dos Temas Transversais e Ética (BRASIL, 1998), afirma que as atitudes respeitadas devem ser provenientes do professor, visto que estas atitudes são vistas como modelo pelo educando.

Há professores que sem perceber dão início aos casos de bullying na sala de aula pela maneira que se comunica com o aluno. Quando um educador refere-se ao aluno tratando-o como símbolo de incompetência escolar ou explicita uma avaliação de baixo rendimento, ele está submetendo o aluno a ser mais uma vítima do bullying.

Torna-se comum no cotidiano escolar, o professor ser o próprio causador do bullying, fazendo com que o aluno ofendido seja, certamente, humilhado pelos colegas. Esse “educador”, mesmo julgando sua atitude como inofensiva, foi o responsável por causar um mal estar no educando.

Baseando-se nos PCN (1998), a instituição escolar pode trabalhar o respeito mútuo nas suas relações de convívio escolar visando promover a extinção de atitudes agressivas no ambiente educacional.

Conforme Mesquita Filho (2007, p.25) salienta:

Professores que costumam fazer zombarias a respeito da capacidade intelectual do aluno é um exemplo de *bullying* por parte do professor e outras crianças ao verem esta atitude no professor, poderão pensar que humilhar é uma atitude normal de relacionamento. Porém, apenas bons exemplos por parte do professor não são necessários para educar moralmente os alunos mas certamente é de um grande incentivo para que esses alunos não cometam atitudes de *bullying* contra seus colegas de sala.

Se o educador não estiver apto e souber como interferir nesses casos de bullying, restam as vítimas poucas alternativas. Ou suportam pacificamente as agressões, abandonam a escola, tornam-se agressoras ou cometem suicídio como forma de fuga do problema.

Nogueira (2005) afirma que existem algumas táticas para identificar o fenômeno. Através da observação e da discussão sobre o comportamento subjetivo dos alunos, os educadores podem identificar vítimas e agressores. Em geral, as vítimas são os alunos mais frágeis, introspectivos, com baixa autoestima que se sentem desiguais ou prejudicados, e que raramente buscam por auxílio.

As vítimas geralmente apresentam resistência, receio ou falta de vontade de ir à escola, é possível que ocorra mudanças no rendimento escolar e distração além de apresentarem sintomas de depressão, perda de sono e pesadelos. Normalmente são apelidados, ofendidos, humilhados, excluídos, perseguidos e agredidos.

Os bullies, ou agressores, geralmente acreditam que os que convivem ao seu redor devem satisfazer suas vontades. Muitos são oriundos de uma família desestruturada que não cultiva os valores morais e éticos, ou que sofreram ou sofrem algum tipo de agressão por parte de adultos, pais ou familiares. Em suma, representam um comportamento aprendido em seu contexto social.

Acerca dos envolvidos Nunes (2008, p.15) afirma que:

Tanto as vítimas, quanto os agressores, carecem de auxílio e de orientação. Os demais alunos são os expectadores da violência e da humilhação. Eles convivem com ela e se calam ou são ignorados em suas observações por pais e professores. Temem tornarem-se alvos, e podem sentir-se incomodados e inseguros.

Conforme Nogueira (2005), infelizmente o fenômeno no ambiente escolar acontece entre jovens de todas as classes sociais no mundo todo. Não está restrito a nenhum tipo determinado de escola, é presente no cotidiano de escolas públicas, privadas, periféricas ou de bairros sofisticados. A violência praticada entre colegas de sala de aula ocorre de forma intencional e repetida ocasionando em sérios prejuízos emocionais como perda de autoestima e exclusão social. Não somente os professores como todos os profissionais escolares envolvidos no âmbito escolar, devem ser qualificados para saber como atuar no combate ao bullying na instituição de ensino, tratando os alunos com igualdade, respeitando suas diversidades culturais e sociais.

Todas as crianças possuem o direito de viver sem ser vítima desta modalidade de violência. Elas têm o direito de frequentar uma escola segura, onde sejam respeitadas e os adultos assumam a responsabilidade de protegê-las.

Cézar (2009, apud NUNES, p.7) ressalta que:

O trabalho educativo do educador não pode conter, de forma alguma, o rancor, a rispidez, o mau humor, o desrespeito, a ofensa, o cinismo, o autoritarismo que humilha e envergonha. Ele deve ensinar atitudes que favoreçam a convivência humana, o respeito e a solidariedade. Eis aqui um

desafio para todos os professores/as, comprometidos/as com o “agir pedagógico” que privilegie, interventivamente, o vínculo pessoal saudável, a tolerância, a capacidade de cuidar do outro e se deixar ser cuidado. Esta é uma missão que devemos adotar em nossas práticas educativas enquanto profissional da educação: desenvolver “corações e mentes” mais humanos.

Para reduzir os indices do fenômeno, é necessário nos informarmos e manifestarmos, não ficar calados. É preciso planejar, discutir, ter coragem e agir de maneira prática pra lidar com o problema de forma eficiente para que as escolas se transformem em locais de aprendizagem plena e que o respeito mútuo esteja presente como uma regra de convivência.

Considerações Finais:

Tendo em vista o aumento da incidência de casos de violência dentro do ambiente escolar, este trabalho acadêmico foi desenvolvido visando entender o problema dando uma maior ênfase no fenômeno *bullying* e discutir maneiras pelas quais o docente pode intervir ao identificar o fenômeno na instituição de ensino.

Além dos desfechos trágicos relacionados à reação das vítimas ao *bullying*, o fenômeno torna-se preocupante por atingir faixas etárias cada vez mais precoces, como crianças nos primeiros anos da escolarização. Pesquisas de diversos autores especializados em violência escolar demonstram que a disseminação do fenômeno ocorre entre todas as classes sociais e cada vez entre crianças mais novas.

Em face do exposto sobre a temática do *bullying*, compreende-se que este fenômeno é um tipo de manifestação de violência caracterizada pelo conjunto de atitudes agressivas, intencionais e repetitivas cujo objetivo é assediar moralmente o sujeito por meio do uso do poder, força física, símbolos, crenças, valores e rituais para depreciar a vítima.

As pessoas que presenciam as ocorrências do *bullying* não se pronunciam receando tornarem-se as “próximas vítimas” do agressor. Quando não ocorre uma intervenção contra o *bullying* no ambiente escolar, o fenômeno pode contagiar negativamente todos os alunos.

Grande parte da sociedade acredita que o *bullying* é um tipo de agressão física, mas não é só isso, ele compreende todas as formas e atitudes agressivas discriminatórias. Essas atitudes são tomadas por uma ou mais pessoas, contra outra pessoa. Para quem pratica, é apenas uma brincadeira engraçada, porém, para quem sofre, essas brincadeiras magoam e são muito desagradáveis.

Os jovens que são vítimas de *bullying* durante a infância e adolescência, geralmente podem se tornar adultos com baixa autoestima e tendem a adquirir sérios problemas de relacionamento podendo comportar-se agressivamente. Em casos extremos podem tentar ou até cometer suicídio.

Conforme Neto (2005), para combater a prática do fenômeno é necessário um projeto de cooperação entre todos os envolvidos: “*Todos devem estar de acordo*”

com o compromisso de que o bullying não será mais tolerado”. As modalidades utilizadas em cada instituição escolar devem ser adaptadas à sua realidade. É preciso que os educadores promovam um ambiente seguro e sadio, onde exista amizade, solidariedade e respeito às diferenças de cada um. É imprescindível que seja construída uma escola que não se restrinja a ensinar apenas o conteúdo programático, mas também onde se eduquem as crianças e adolescentes para que exerçam uma cidadania plena que promova o resgate dos valores morais esquecidos como a tolerância, o sentimento de solidariedade, e o respeito à diferença de todos.

Notoriamente, as escolas precisam estar atentas às transformações da sociedade, adaptando estas mudanças ao cotidiano escolar, adequando as práticas educativas à realidade dos alunos. Tornam-se necessários projetos de conscientização e integração entre alunos, professores, pais e sociedade, para que a escola possa trabalhar em harmonia. Agindo como uma mediadora na relação entre aluno e família, a escola poderá dar o apoio necessário aos envolvidos no fenômeno.

Esta pesquisa monográfica visou o entendimento do fenômeno bullying, suas manifestações, os principais envolvidos e principalmente destacar o papel do educador como mediador do problema. Este tema é de suma importância para conscientizar o futuro pedagogo que a violência existe e manifesta-se através de pequenos atos e caso não seja combatida poderá ocasionar danos irreversíveis aos envolvidos. Espero que esta produção acadêmica possa contribuir para os estudos dos futuros educadores, visto que é um tema com poucas referências impressas.

Referências:

ABRAMOVAY, M.. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil, 2005. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265POR.pdf>> Acesso em: 13/05/11.

_____. **ABRAPIA** (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção a Infância e Adolescência) www.qdivertido.com.br/verartigo.php?codigo=5 Artigo 5- bullying. Acessado em: 10/05/2011

BEANE, Allan. **Proteja seu filho do Bullying**. Rio de Janeiro, Best Seller, 2010

Burns, T. & Flam, H. **Sistemas de Regras Sociais**. Teoria e Aplicações. Oeiras: Celta Editora. 2000

DAHLBERG LL , Krug EG, , Mercy JA, Zwi A, Lozano R. editores. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

DEBARBIEUX, E. **A violência na escola francesa: 30 anos de construção social do objeto**.(1967-1997).Educação e Pesquisa, Jan/jun, v.27, n.1 , 2001.

DEBARBIEUX, E. BLAYA, C. (org.) **Violências nas escolas e políticas públicas**. Brasília. UNESCO, 2002

CANDAU, Vera Maria; NASCIMENTO, Maria das Graças; LUCINDA, Maria da Conceição. **Escola e violência**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001

CHARLOT, B. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Revista Sociologias n.8 Porto Alegre jul./dez. 2002.

_____. **Cartilha do Bullying**. Disponível em: <http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-197.pdf> Acessado em: 11/05/2011

CATINI, Nilza, **Problematizando o bullying para a realidade brasileira**. 2004. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Pedagogia/tbullying.pdf Acesso em: 10/02/13

DREYER, Diogo. **A brincadeira que não tem graça**. <http://www.educacional.com.br/reportagens/bullying/default.asp>. Acessado em: 10/05/2011

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2 ed. Ver. e ampl. Campinas, SP: Versus editora, 2005.

LOPES, Aramis Antônio Neto. **Bullying: Saber identificar e como prevenir**. Porto Alegre, Brasiliense, 2005

MARRIEL, Lucimar Câmara et al. **Violência escolar e auto-estima de adolescentes**. Cad Pesqui., São Paulo, v. 36, n. 127, Apr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em 14/02/13

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo, Ática, 1989

MINAYO, M. C. de S. **A Violência social sob a perspectiva da Saúde Pública**. Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro, v. 10, p. 7-18, 1994. Suplemento.

NOGUEIRA, Rosana M. C. D. P. A. **A prática de violência entre pares: O bullying nas escolas**. Revista Iberoamericana de Educación, n. 37. Brasília, 2005.

NUNES, Antonio Ozório - **Como Restaurar a paz na escola**. Um guia para educadores - EDITORA: Contexto, 2009

OLIBONI, S. P.. **O bullying como violência velada à percepção e a ação dos professores**. Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, 2008

PEREIRA, Beatriz Oliveira. **Para uma escola sem violência**. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças. Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

_____. **Revista Nova Escola**. Editora Abril. <http://revistaescola.abril.com.br/crianca-e-adolescente/comportamento/tudo-bullying-433208.shtml>. Acessado em: 10/05/2011

SCHULTZ, Naiane C. Wendt, **A compreensão sistêmica do bullying**, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-73722012000200008&script=sci_arttext. Acesso em: 10/02/13

SEBASTIÃO, J., SEABRA, T., GAIO Alves, M., TAVARES, D., GARRUCHO Martins, J. & PORTAS, M. J. **A produção da violência na escola**. Revista da ESES, n.º 10, 123-135, 1999

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: Mentas Perigosas na Escola**. Rio de Janeiro, Fontanar, 2010

SILVA, Fabiany de Cássia Tavares. **Escola e Cultura Escolar: dimensões do currículo**. Campo Grande: UFMS, 2001

TEIXEIRA, Gustavo. **Manual anti-bullying para alunos, pais e professores**. São Paulo. EDITORA: Best Seller, 2008

VASCONCELLOS , **Mobbing (assédio psicológico): relações com transtornos mentais e trabalhadores do gasoduto Brasil-Bolívia**, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-66572005000200002 Acesso em: 15/02/13
